

## MERCADO DE TRABALHO

# Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

### Sumário

Após um período de relativa acomodação, os dados mais recentes mostram que o mercado de trabalho brasileiro voltou a apresentar maior dinamismo. A expansão da ocupação, combinada à retração da força de trabalho, vem possibilitando novos recuos da taxa de desocupação. Adicionalmente, a melhora de variáveis ligadas a rendimento, subocupação e desalento ratificam esse cenário mais benevolente.

De acordo com as estatísticas mensais produzidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base nas séries de trimestres móveis da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocupação, que vinha se mantendo relativamente estável, em torno de 8,5%, voltou a recuar com mais força no último bimestre, de modo que, em abril de 2023, na série livre de sazonalidade, o patamar registrado de 8,0% foi o mais baixo nos últimos oito anos.

Assim como o desejado, boa parte dessa desaceleração da desocupação é decorrente de um crescimento mais forte no ritmo de criação de empregos, tendo em vista que, em abril, na comparação com o mês anterior, o número de ocupados na economia brasileira se expandiu pela quarta vez consecutiva, abarcando aproximadamente 99,2 milhões de pessoas. Nota-se, ainda, que, além dessa melhora quantitativa, a qualidade dos empregos gerados também merece destaque. Por certo, enquanto a ocupação formal registrou crescimento médio interanual de 3,2%, no último trimestre, encerrado em abril, a população ocupada informal apresentou retração de 0,6% na mesma base de comparação. Em termos setoriais, observa-se que o crescimento da ocupação vem ocorrendo de forma generalizada, ainda que com intensidades distintas. Segundo o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), nos últimos doze meses, período encerrado em abril, todos os setores mostram criação líquida de empregos, com destaque para o comércio (376,2 mil), os serviços administrativos (264,5 mil), a indústria de transformação (204,9 mil) e a construção civil (191,6 mil).

Deve-se ressaltar, no entanto, que parte dessa trajetória mais benevolente da taxa de desocupação também deve ser creditada ao recuo da taxa de participação, que passou de 63,0% para 61,8%, entre abril de 2022 e abril de 2023. Esse arrefecimento da taxa de participação, por sua vez, reflete o recuo da força de trabalho brasileira. Em abril de 2023, embora já se revele algum crescimento na margem, o contingente de 107,9 milhões de pessoas pertencentes à força de trabalho era 0,8%

**Maria Andréia Parente Lameiras**

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

[maria-andreia.lameira@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameira@ipea.gov.br)

**Lauro Roberto Albrecht Ramos**

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

[lauro.ramos@ipea.gov.br](mailto:lauro.ramos@ipea.gov.br)

**Sandro Pereira Silva**

Coordenação de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Desenvolvimento Rural - COTRA

[sandro.pereira@ipea.gov.br](mailto:sandro.pereira@ipea.gov.br)

**Leo Veríssimo Fernandes**

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

[leo.fernandes@ipea.gov.br](mailto:leo.fernandes@ipea.gov.br)

Divulgado em 28 de junho de 2023.

menor que o observado no mesmo período do ano anterior. Ainda com base nos dados da PNAD Contínua, verifica-se que, ao contrário dos fatos estilizados, essa retração da força de trabalho não está associada a um aumento do desalento no mercado de trabalho, tendo em vista que o número de desalentados vem recuando sistematicamente ao longo dos últimos trimestres. Nos últimos doze meses, houve queda de 15,8%, na quantidade da população desalentada, caindo de 4,3 milhões, em abril de 2022, para 3,5 milhões, em abril de 2023.

Adicionalmente, também chama atenção o recuo da parcela de indivíduos que estão na inatividade por outros motivos não associados ao desalento, mas que gostariam de trabalhar, caso aparecessem uma oportunidade. Com efeito, segundo os microdados da PNAD Contínua trimestral, no primeiro trimestre de 2023, além da queda do número de desalentados, observa-se conjuntamente uma retração da parcela de indivíduos que estão fora da força de trabalho devido ao estudo, às obrigações domésticas, a problemas de saúde, entre outros, que não pretendem retornar à atividade, mesmo diante de uma proposta de emprego. Uma explicação plausível para esses movimentos recentes ligados à força de trabalho – restrita e potencial – é que a própria melhora do mercado de trabalho vem gerando uma necessidade menor de compensar perdas de emprego e/ou rendimento domiciliares, possibilitando, assim, que demais membros da residência possam se dedicar exclusivamente a outras atividades.

## 1 Aspectos gerais

Os dados mais recentes mostram que, após de um período de leve arrefecimento, o mercado de trabalho brasileiro voltou a apresentar uma trajetória mais intensa, caracterizada, entre outros aspectos, por novas desacelerações da taxa de desocupação. De acordo com as estatísticas mensalizadas da PNAD Contínua<sup>1</sup>, observa-se que a taxa de desocupação, que vinha se mantendo próxima de 8,5% desde dezembro de 2022, voltou a recuar a partir de março, chegando a 8,0%, em abril, atingindo, assim, o menor patamar desde abril de 2015 (gráfico 1). Já na comparação com abril de 2022, a taxa de desocupação registra queda de 1,5 ponto percentual (p.p.).

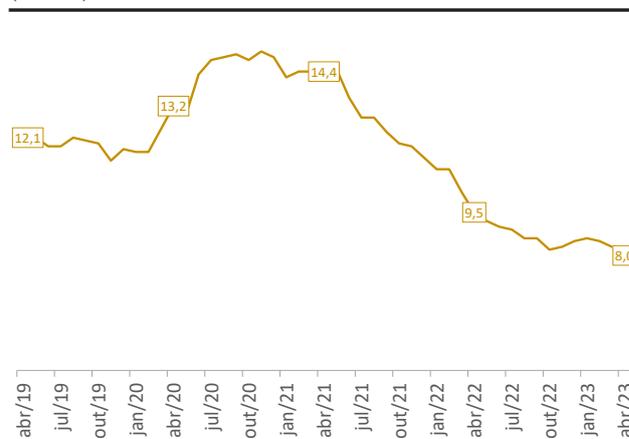
O movimento de desaceleração da desocupação, no último bimestre, é decorrente não apenas de uma melhora no comportamento da população ocupada, mas também de uma retração da taxa de participação. Em relação à ocupação, nota-se que, em abril, o número de ocupados na economia brasileira se expandiu pelo quarto mês consecutivo, abarcando aproximadamente 99,2 milhões de pessoas (gráfico 2). Na comparação com o mesmo período do ano anterior, a população ocupada aponta alta de 0,8%. Deve-se registrar, ainda, que o crescimento da ocupação, em termos interanuais, tem ocorrido mais intensamente no setor formal<sup>2</sup>, com taxa de crescimento média de 3,2% no último trimestre, encerrado em abril. No caso do setor informal<sup>3</sup>, os dados extraídos da PNAD que seguem a mesma base de comparação mostram que a população ocupada recuou 0,6% (gráfico 3).

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Hecksher, disponível em: <<https://bit.ly/3VOuWnv>>.

2. Ocupação formal compreende o trabalho com carteira assinada nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalho doméstico com carteira assinada, o empregador com CNPJ e por conta própria com CNPJ.

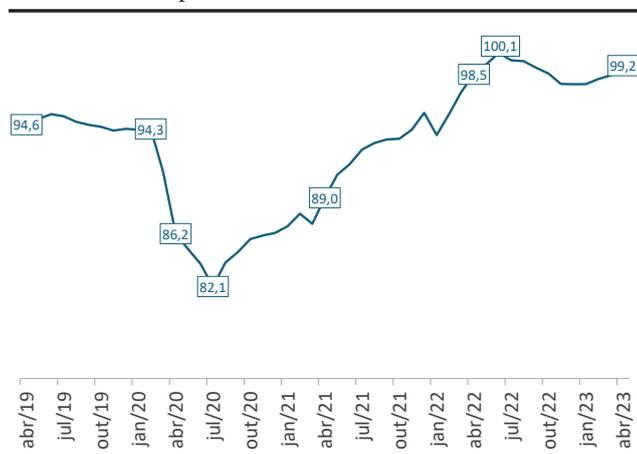
3. Ocupação informal compreende o trabalho sem carteira assinada nos setores privado e público, o trabalho doméstico sem carteira assinada, o empregador sem CNPJ, o por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

GRÁFICO 1  
Taxa de desocupação dessazonalizada  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

**GRÁFICO 2**  
**População ocupada: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

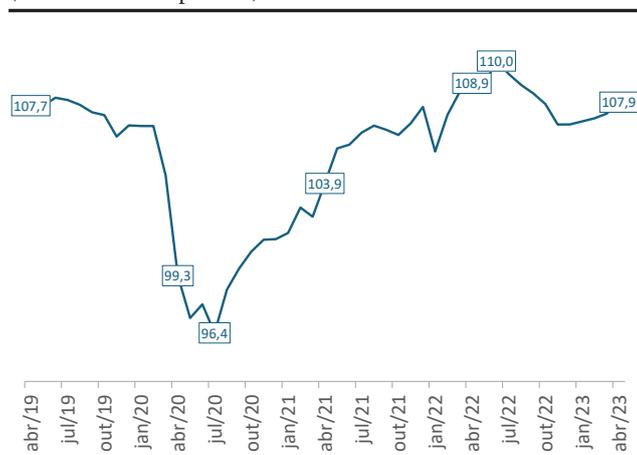
**GRÁFICO 3**  
**População ocupada por vínculo empregatício – Taxa de crescimento interanual**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs: Médias móveis trimestrais.

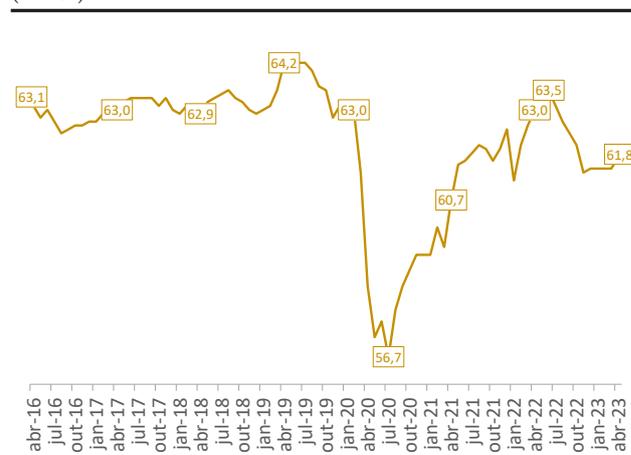
Em relação à taxa de participação, os dados revelam que, desde meados de 2022, vem se delineando um comportamento mais moderado desta variável, refletindo o arrefecimento da força de trabalho. Por certo, embora já se verifique alguma retomada na margem, em abril, na comparação interanual, a força de trabalho brasileira recuou pelo terceiro mês consecutivo, de modo que o contingente de 107,9 milhões de pessoas registrado em 2023 foi 0,8% menor que o apontado no mesmo mês de 2022. Já na comparação com junho de 2022 – momento em que atingiu o maior patamar da série (110 milhões de pessoas) –, a queda apontada pela força de trabalho é de 1,9% (gráfico 4). Por conseguinte, em abril, a taxa de participação no mercado de trabalho brasileiro foi de 61,8%, situando-se 1,2 p.p. abaixo do observado no mesmo período do ano anterior (gráfico 5).

**GRÁFICO 4**  
**Força de trabalho: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 5**  
**Taxa de participação dessazonalizada**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Não obstante a queda da desocupação, a melhora do mercado de trabalho brasileiro também pode ser evidenciada pelo comportamento mais favorável de uma série de outros indicadores. No caso da taxa combinada de desocupação e subocupação, observa-se que, após alcançar patamar máximo de 21,8%, em dezembro de 2020, a queda do número de subocupados e desocupados vem beneficiando a trajetória dessa variável, de modo que, em abril, o nível apontado foi de 12,9% (gráfico 6). Por um lado, a população subocupada<sup>4</sup>, que era de 6,5 milhões em abril de 2022, vem se mantendo estável nos primeiros quatro meses de 2023, em torno de 5,2 milhões. Por outro lado, o número de desocupados, que já havia recuado de 10,4 milhões para 9,0 milhões entre abril e dezembro de 2022, continuou retroagindo, atingindo, em abril de 2023, 8,7 milhões.

Assim como vem ocorrendo com a subocupação, o número de desalentados, medido pela PNAD Contínua, também mostra uma trajetória mais favorável. Em abril de 2023, o contingente de indivíduos que estavam fora da força de trabalho por conta do desalento chegou a 3,57 milhões, atingindo o melhor resultado desde agosto de 2016 (gráfico 7).

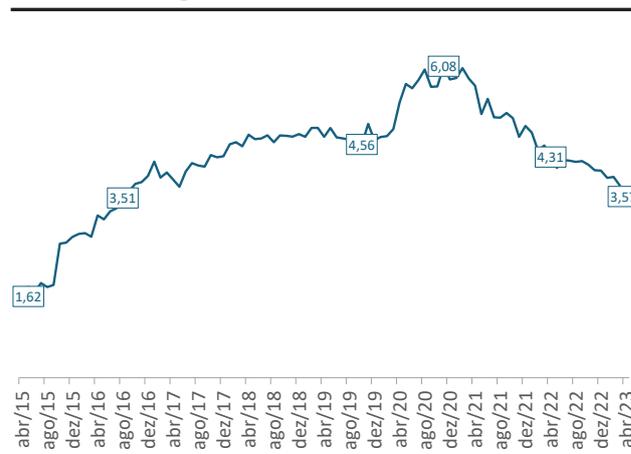
Assim como a pesquisa do IBGE, os dados do Novo Caged também retratam um cenário de crescimento da ocupação formal no país, ainda que em ritmo mais ameno. Segundo o levantamento do Ministério do Trabalho, em abril de 2023, no acumulado em doze meses, a economia brasileira gerou 1,91 milhão de novas vagas com carteira assinada, ficando abaixo tanto do observado no mês anterior (1,93 milhão) quanto do registrado no mesmo período de 2022 (2,70 milhões). No entanto, mesmo em desaceleração, o número de vagas criadas com carteira assinada vem possibilitando uma expansão do estoque de trabalhadores formais, que chegou a 43,2 milhões em abril, o que representa alta de 4,6% na comparação interanual (gráfico 8).

GRÁFICO 6  
Taxa combinada de desocupação e subocupação dessazonalizada (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7  
População desalentada dessazonalizada (Em milhões de pessoas)

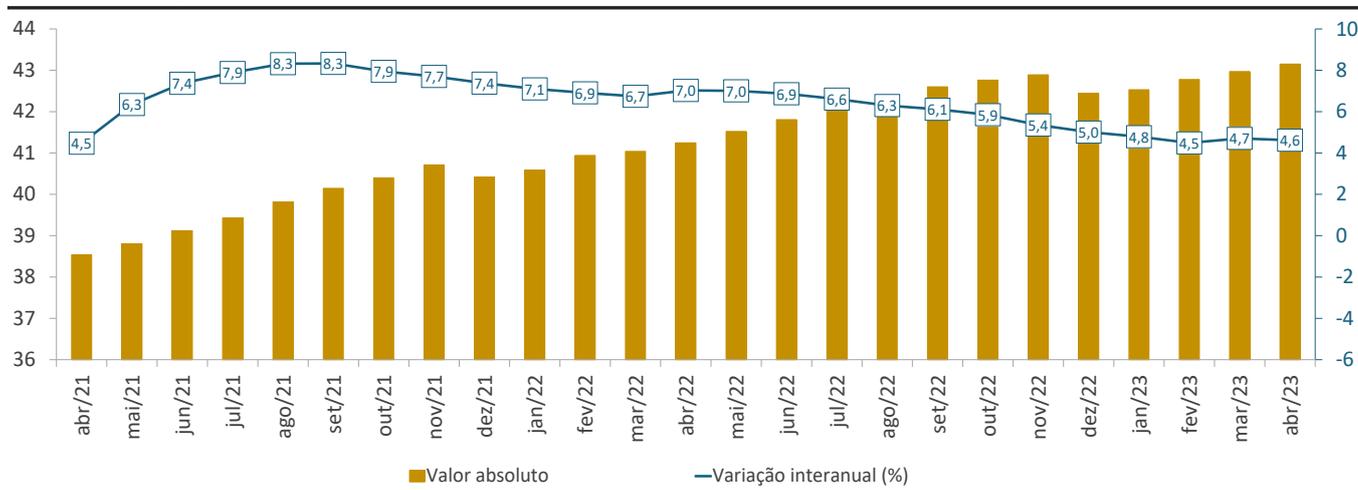


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de quarenta horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

GRÁFICO 8

**Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto e variação interanual**  
(Em milhões de pessoas, e em %)



Fonte: Novo Caged/Secretaria de Trabalho.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no primeiro trimestre de 2023, houve, novamente, um recuo significativo do desemprego, em relação ao mesmo período do ano passado, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, em termos absolutos, embora o Nordeste tenha apresentado a maior queda no período (2,7 p.p.), esta região ainda é a que registra a maior taxa de desocupação (12,7%). Já a maior retração, em termos relativos, foi observada na região Sul, cuja taxa da desocupação passou de 6,5% para 5,0%. O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, mais uma vez, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 9,1% para 7,2%, a das mulheres caiu de 13,7% para 10,8%.

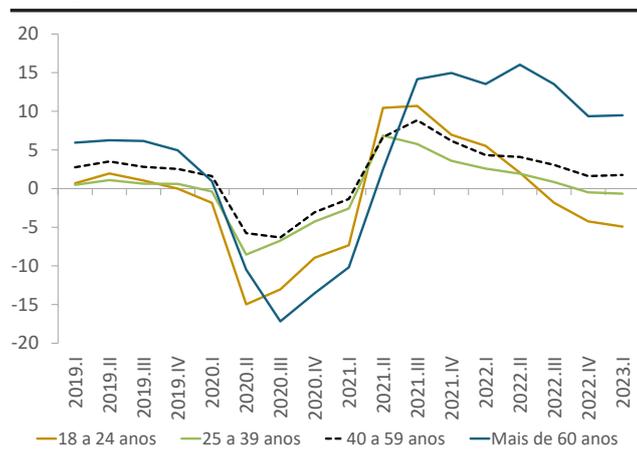
A abertura por idade mostra que, no último trimestre, todos os segmentos etários registraram recuo na taxa de desocupação, na comparação interanual. Em termos absolutos, observa-se que, embora também mostre expressiva desaceleração, a taxa de desocupação de 18% entre os jovens ainda se encontra bem acima das demais faixas etárias. Na outra ponta, a desocupação dos trabalhadores mais idosos segue bem abaixo das demais, com taxa de 3,9%. Nota-se, ainda, que, nos grupos etários mais baixos, a queda do desemprego ocorre muito mais por conta da desaceleração da força de trabalho do que pela expansão da ocupação. Por certo, no primeiro trimestre de 2023, enquanto a ocupação dos trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos e entre 25 e 39 anos avançou 1,0% e 1,6%, respectivamente, na comparação anual (gráfico 9), enquanto a força de trabalho desses segmentos recuou 4,9% e 0,7%, na mesma base de comparação (gráfico 10). Por outro lado, mesmo diante de um expressivo crescimento da população ocupada (9,9%), a taxa de desocupação do grupo de trabalhadores com mais de sessenta anos recuou relativamente menos que as demais, atenuada pela alta de 9,5% da força de trabalho.

TABELA 1  
Taxa de desemprego  
(Em %)

	2020				2021				2022				2023
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.
Brasil	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7	7,9	8,8
Centro - Oeste	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5	6,2	7,0
Nordeste	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0	10,9	12,2
Norte	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2	8,1	9,1
Sudeste	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7	7,9	8,6
Sul	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2	4,5	5,0
Masculino	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9	6,5	7,2
Feminino	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0	9,8	10,8
18 a 24 anos	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0	16,4	18,0
25 a 39 anos	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8	7,1	8,2
40 a 59 anos	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6	5,3	5,6
Mais de 60 anos	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7	3,4	3,9
Fundamental Incompleto	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7	8,3	8,5
Fundamental Completo	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1	9,3	10,1
Médio Incompleto	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3	13,9	15,2
Médio Completo	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7	8,5	9,9
Superior	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3	4,9	5,6

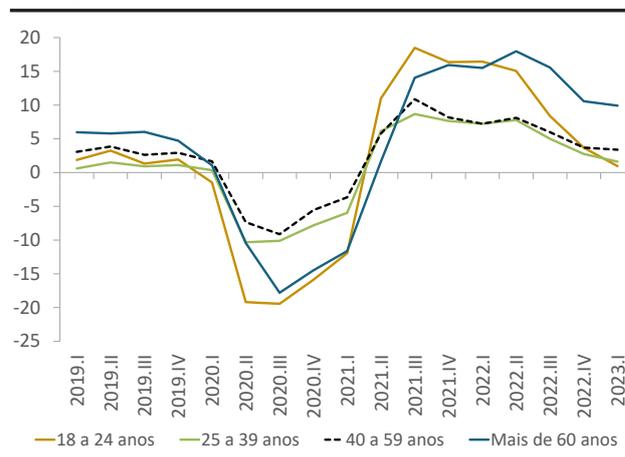
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9  
População Ocupada - Por faixa etária  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10  
População Economicamente Ativa - Por faixa etária  
(Variação interanual, em %)

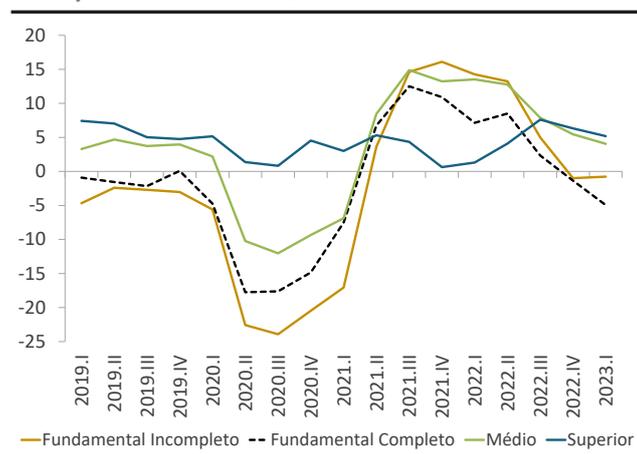


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, a desagregação por nível educacional revela que a desocupação dos trabalhadores com ensino médio completo segue sendo a mais alta (15,2%) entre todos os segmentos, ao passo que a mais baixa está no grupo com ensino superior (5,6%). Ainda de acordo com os microdados da PNAD Contínua, nos segmentos menos escolarizados, o recuo da taxa de desocupação ocorre mesmo em um contexto de queda da população ocupada (gráfico 11), tendo sido beneficiada pela retração ainda mais intensa da força de trabalho (gráfico 12). Por certo, enquanto a ocupação entre os trabalhadores com ensino fundamental incompleto e completo recuou

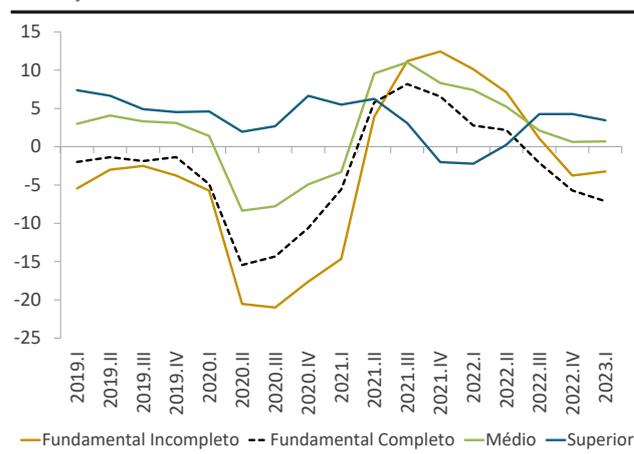
0,8% e 4,9%, respectivamente, no primeiro trimestre do ano, a população economicamente ativa (PEA) desses segmentos registrou queda de 3,2% e 7,1%. Em contrapartida, a desocupação dos trabalhadores com ensino superior reflete uma alta mais intensa da ocupação (5,2%), comparativamente à da força de trabalho (3,5%).

**GRÁFICO 11**  
**População Ocupada - Por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 12**  
**População Economicamente Ativa - Por grau de instrução**  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Emprego setorial

Os dados extraídos tanto da PNAD Contínua como do Novo Caged indicam que a melhora da ocupação vem ocorrendo em praticamente todo os setores da economia, ainda que em intensidades distintas. Por certo, a partir da análise da taxa de crescimento interanual do emprego por setor de atividade econômica, extraída pela PNAD contínua (tabela 2), verifica-se que a evolução positiva da população ocupada agregada entre o primeiro trimestre de 2022 e de 2023 é resultante da melhora no nível de emprego na maioria dos segmentos, com exceção da agricultura, da construção civil e serviços industriais de utilidade pública (Siup). No entanto, quando comparadas às taxas interanuais registradas no quarto trimestre de 2022, os resultados indicam uma desaceleração no ritmo de crescimento da ocupação em 11 dos 13 setores contemplados. Entre os setores com maior perda de dinamismo estão segmentos importantes, como serviços pessoais (de 9,8% para 4,3%), serviços domésticos (de 2,1% para 1,2%), administração pública (de 8,8% para 3,7%), serviços de alojamento e alimentação (de 3,7% para 1,5%), comércio (de 4% para 3%) e indústria extrativa (de 16,3% para 8,4%). Em contrapartida, dois setores se destacaram por apresentar taxas de crescimento anual do emprego melhores que aquelas obtidas no trimestre anterior: informática, cuja expansão avançou de 4,4% para 6,0%, e construção civil, que reduziu o ritmo de queda, passando de -1,3% para -0,8%.

Em valores absolutos, os dados revelam que, nos últimos doze meses, o setor de saúde e educação foi o que mais adicionou trabalhadores à ocupação, com expansão de 740 mil indivíduos entre o primeiro trimestre de 2022 e de 2023. Na sequência, o setor de informática registrou aumento da ocupação em aproximadamente 677 mil pessoas no período.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a análise da variação interanual da ocupação setorial para o quarto trimestre de 2022, segundo a posição na ocupação (tabela 3), mostra que, para os setores com redução no ritmo de expansão do emprego, os resultados são menos frustrantes, na medida em que revelam melhoria na qualidade do

emprego. De fato, os dados de ocupação nos setores Siup, construção civil, serviços de alojamento e alimentação, entre outros, apontam que o emprego com registro formal foi a modalidade com maior crescimento anual em relação ao mesmo trimestre de 2022. Adicionalmente, no caso dos serviços domésticos e da construção civil, a continuidade do crescimento do emprego formal pode contribuir para a diminuição das taxas gerais de informalidade no mercado de trabalho brasileiro, que tradicionalmente caracterizam esses setores.

TABELA 2  
**População ocupada por setores: variação interanual**  
 (Em %)

	2021				2022				2023
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.
Agricultura	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-0,7	-3,6	-4,4	-5,2
Indústria extrativa	-11,6	-4,8	5,0	12,1	9,8	18,0	13,0	16,3	8,4
Indústria de transformação	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	9,6	3,6	3,1	2,1
Siup	-19,2	-18,6	-13,0	8,1	6,5	15,6	4,8	-1,1	-2,0
Construção civil	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	11,2	2,7	-1,3	-0,8
Comércio	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	14,2	7,8	4,0	3,0
Informática, financeira, serviços a empresas	0,9	9,1	10,4	7,2	4,0	5,1	6,9	4,4	6,0
Transporte	-9,0	4,6	12,6	10,0	10,4	10,0	9,2	10,0	7,9
Serviços pessoais	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	18,7	24,0	9,8	4,3
Administração pública	-3,0	-3,0	-3,7	-2,4	2,6	1,8	8,8	3,7	1,5
Saúde e educação	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	7,2	8,5	8,9	6,5
Alojamento e alimentação	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	23,1	8,5	3,5	1,8
Serviços domésticos	-18,6	9,0	21,3	21,7	19,4	18,7	9,6	2,1	1,2

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração dos autores.

TABELA 3  
**População ocupada por setores e posição na ocupação (1º trim. 2023)**  
 (Em %)

	Novo Caged	PNAD Contínua		
		Com registro	Sem registro	Conta própria
<b>Total</b>	<b>4,3</b>	<b>4,5</b>	<b>2,7</b>	<b>-0,4</b>
Agricultura	4,0	4,2	-10,0	-5,4
Indústria extrativa	3,1	8,6	7,4	1,9
Indústria transformação	2,8	4,7	0,9	-5,1
Siup	3,3	3,0	-9,5	-42,4
Construção civil	11,8	10,0	1,4	-6,0
Comércio	4,2	6,5	1,5	-0,5
Informática, financeira, serviços a empresas	6,7	3,8	9,3	10,3
Transporte	5,7	4,8	17,1	7,9
Serviços pessoais	9,7	3,9	4,2	4,6
Administração pública	1,7	-1,7	12,6	-
Saúde e educação	2,2	2,8	22,4	0,3
Alojamento e alimentação	11,1	10,9	-1,3	-3,3
Serviços domésticos	-	6,2	-0,4	-

Fontes: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).  
 Elaboração dos autores.

Esta análise do emprego setorial desagregado por posição na ocupação, baseada na PNAD Contínua, sinalizando que o crescimento do emprego formal tem sido mais consistente e menos errático que o do emprego informal, é corroborada pelos dados do Novo Caged. Por certo, em termos agregados, as duas pesquisas apontam taxas de crescimento anual do emprego formal muito próximas no primeiro trimestre de 2023, isto é, em torno de 4,5%. Ainda de acordo com as estatísticas do MTE, os dados mais recentes mostram que este dinamismo do emprego com carteira assinada no país segue em curso, tendo em vista que, nos últimos doze meses, encerrados

em abril, o estoque de trabalhadores formais revela expansão de 4,6%. Em termos absolutos, os setores que mais criaram postos formais no período (gráfico 13) foram o comércio (376,2 mil), atividades administrativas (264,5 mil), indústria de transformação (204,9 mil) e construção civil (191,6 mil).

**GRÁFICO 13**  
**Novo Caged: Saldo de empregos criados entre maio/22 e abril /23**  
 (Em 1 mil de pessoas)



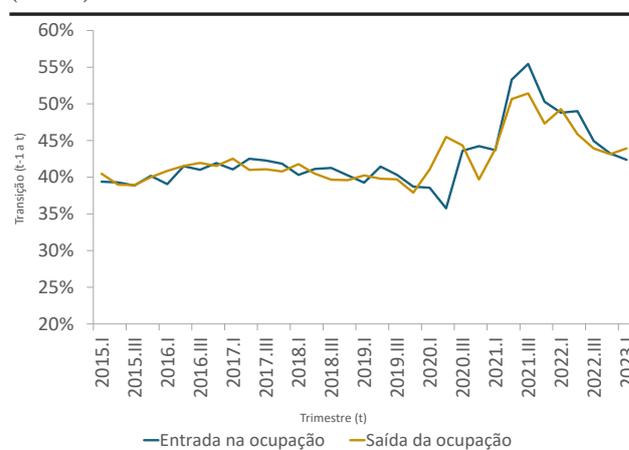
Fontes: Novo Caged/MTE.  
 Elaboração dos autores.

## 4 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido sob uma ótica dinâmica, por meio do exame da evolução das transições entre diferentes posições na ocupação dos indivíduos, de forma complementar à tradicional análise da evolução dos estoques. Para tal, são utilizados os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que os moradores e seus domicílios sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas domiciliares permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido.

O gráfico 14 mostra os fluxos de entrada e saída para a ocupação total, normalizados pela população ocupada estimada no primeiro trimestre de 2023. A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre. Dessa forma, os dados indicam ligeira redução no fluxo de entrada na ocupação no quarto

**GRÁFICO 14**  
**Fluxos de entrada e saída para ocupação**  
 (Em %)

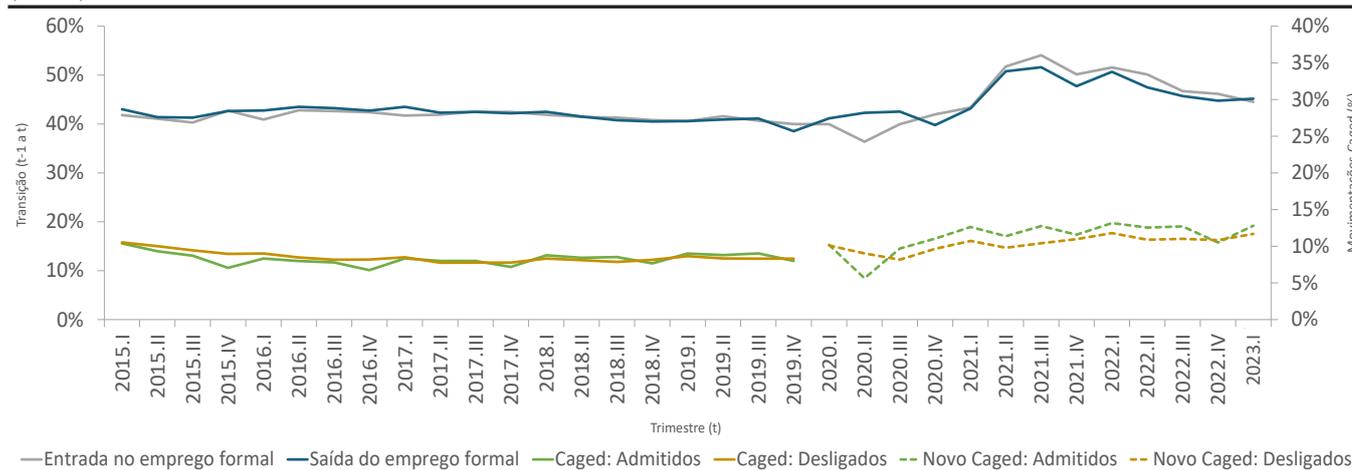


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração dos autores.

trimestre de 2022, passando do equivalente de 43,2% da população ocupada para 42,4%. Este movimento no fluxo de entrada final ficou pouco abaixo do fluxo de saída, que se elevou de 43,1% para 43,9% no mesmo período. Esse movimento de elevação do fluxo de saída pode ser considerado como esperado nas pesquisas de primeiro trimestre em função do desligamento de muitos assalariados ou do fechamento de oportunidades de negócios que surgem no final de cada ano, sobretudo no setor de comércio.

Por sua vez, o gráfico 15 mostra os mesmos fluxos de entrada e saída, só que para o emprego formal. Nota-se que, na comparação do primeiro trimestre de 2023 com o anterior, há uma queda nos fluxos de entrada – de 46,2% para 44,5% –, compensada, em parte, pela elevação nos de saída – de 44,8% para 45,2% –, de modo semelhante ao observado na ocupação total. No entanto, a queda registrada no fluxo de entrada no emprego formal é mais branda que a registrada no fluxo de entrada na ocupação total, o que explica um leve crescimento do emprego formal no primeiro trimestre de 2023, concomitantemente a uma relativa estabilidade no total de ocupados.

**GRÁFICO 15**  
**Fluxos de saída e entrada para empregados formais<sup>1</sup>**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

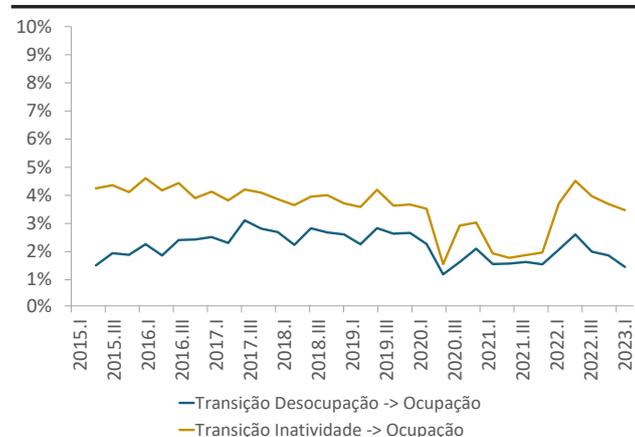
A análise do gráfico 15 revela também que as movimentações extraídas dos dados do Novo Caged (linhas pontilhadas) indicam que, no primeiro trimestre de 2023, o fluxo de entrada (admitidos) foi ligeiramente superior ao de saída (desligados) na formalidade – 12,8% ante 11,7%, respectivamente –, o que gerou um aumento de 1,1 p.p. no saldo líquido do período. Este resultado mais favorável do emprego formal apontado pelo Caged, relativamente ao observado na PNAD Contínua, pode ser explicado pela diferença da maneira como as informações são coletadas nessas duas pesquisas. Os desligamentos de vínculos formais são concentrados na última semana do ano e, por isso, são computados diretamente em dezembro pelo Caged; na PNAD Contínua, no entanto, esses desligamentos podem ser identificados apenas no primeiro trimestre do ano seguinte, em razão da necessidade de comparar dois trimestres nessa base de dados.

Para melhor compreender a relação entre os fluxos de entrada e saída da ocupação, torna-se mister analisar a evolução recente de componentes desses movimentos. O gráfico 16 traz a evolução dos fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade separadamente. É possível notar que ambas as movimentações, por terem diminuído, contribuem para a redução do fluxo de entrada de trabalhadores na condição

de ocupados. Vale destacar a retração, ainda que pequena, registrada no componente relacionado à inatividade, ao passar de 3,7% para 3,5% entre o quarto trimestre de 2022 e o primeiro de 2023.

Por sua vez, a análise do gráfico 17 mostra que o aumento do fluxo total de saída da ocupação (ilustrada anteriormente no gráfico 14), no primeiro trimestre de 2023, é derivado de aumentos suaves no fluxo de saída da ocupação com destino tanto ao desemprego quanto à inatividade. Dessa forma, nota-se que a redução no fluxo de entrada de trabalhadores em direção à ocupação foi o principal fator para que não se mantivesse a trajetória de crescimento da população ocupada no primeiro trimestre de 2023, conforme registrado nos trimestres anteriores.

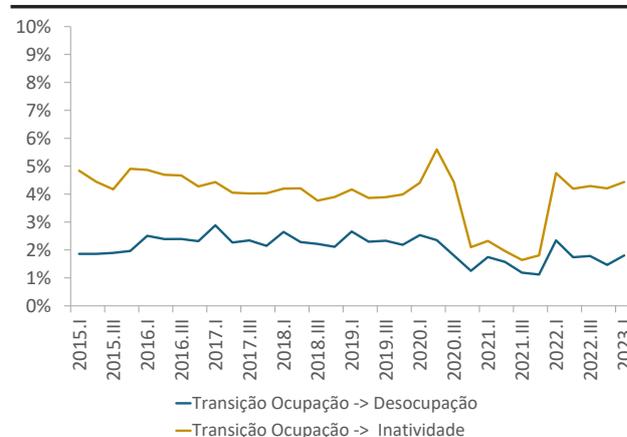
**GRÁFICO 16**  
**Decomposição das entradas para ocupação**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

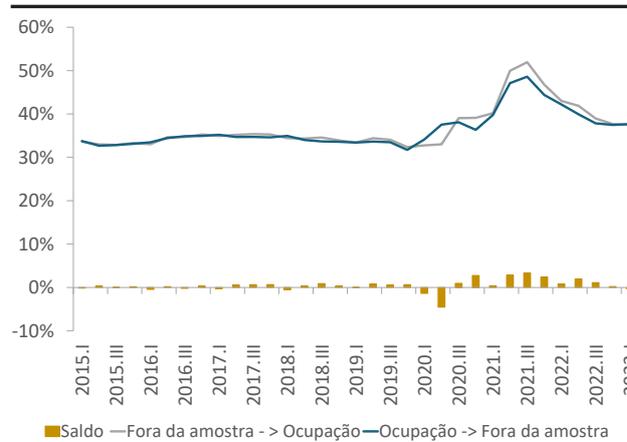
Cumprir-se mencionam que a soma das magnitudes das quedas reportadas no primeiro trimestre de 2023, tanto para os componentes do fluxo de entrada na ocupação (gráfico 16) como para os componentes do fluxo de saída da ocupação (gráfico 17), não condiz com as quedas reportadas para o agregado desses fluxos no gráfico 14. O motivo dessa aparente incoerência é que a análise feita nos gráficos 16 e 17 foi restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua nos dois trimestres consecutivos utilizados para construir os fluxos, enquanto a análise do gráfico 14 contempla também os indivíduos que entram e saem da amostra dessa mesma pesquisa. Tal evidência implica dizer que boa parte da queda de 0,8 p.p. no fluxo de entrada na ocupação reportado no gráfico 14 pode ser explicada pela redução no fluxo de pessoas que estavam fora da amostra em um trimestre e entram no seguinte na condição de ocu-

**GRÁFICO 17**  
**Decomposição das saídas da ocupação**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

**GRÁFICO 18**  
**Fluxos de indivíduos que transitam da ocupação para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

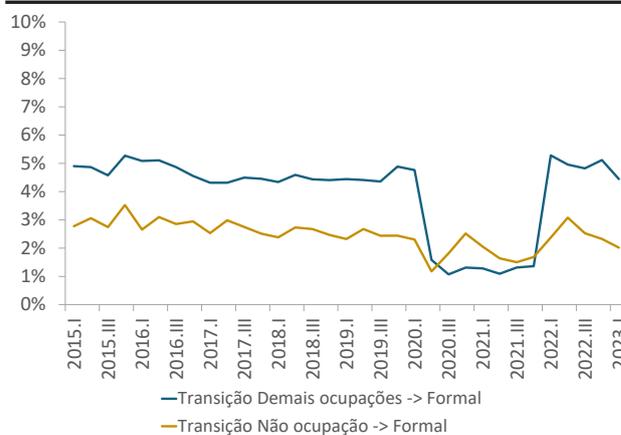
padas, como de fato evidenciado pelo gráfico 13, que mostra uma queda de 0,3 p.p. nesse fluxo (de 37,7% para 37,4%). Ou seja, parte da referida contribuição do fluxo de entrada para o não crescimento da população ocupada, no primeiro trimestre de 2023, advém do processo de renovação de parte da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre. Nesse processo, a posição de ocupado ficou menos frequente para os indivíduos que entraram no primeiro trimestre de 2023 em comparação com os trimestres anteriores. Vale ressaltar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada apresenta magnitudes relativamente altas ao longo da série, mas estáveis; porém, a partir da pandemia de covid-19 iniciada em 2020,<sup>5</sup> passou a registrar variações mais voláteis.

De forma análoga, os gráficos 19 e 20 desagregam os fluxos de entrada e saída do emprego formal. Inicialmente, destaca-se que, no primeiro trimestre de 2023, a ligeira diminuição do fluxo de entrada no emprego formal proveniente das demais ocupações (de 5,1% para 4,4%) não chega a compensar a queda observada no componente do fluxo proveniente da desocupação (de 2,3% para 2,0%). Logo, a leve superioridade do fluxo de saída relativamente ao fluxo de entrada, que resultou em modesta diminuição do emprego formal no primeiro trimestre de 2023, tem como fator relevante o fluxo de trabalhadores de ocupações informais para ocupações formais. Em relação ao cenário para o fluxo de saída do emprego formal, no mesmo trimestre, assemelha-se bastante ao observado no emprego total, com suaves aumentos nos dois componentes ilustrados no gráfico 20. Assim como na análise feita para os componentes dos fluxos para a ocupação total, só é possível compreender a queda na entrada no emprego formal (retratada no gráfico 15) ao observar a diminuição do componente relativo aos trabalhadores que entram na amostra da PNAD Contínua já ocupando empregos formais, conforme ilustrado no gráfico 21.

Em suma, tanto a queda da ocupação total quanto a do setor formal se devem, em boa medida, à redução no fluxo de entrada de indivíduos nessas condições. Porém, há que se atentar para o papel da renovação da amostra a fim de alcançar um entendimento mais apurado de tais contrações.

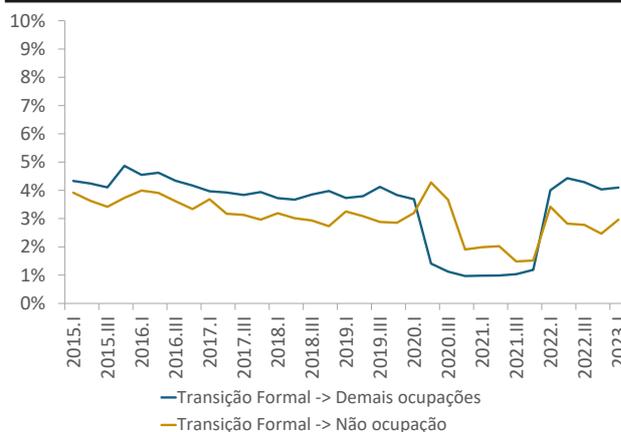
5. Sobre impactos da covid-19 na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro, ver Silva, Corseuil e Costa (2022).

**GRÁFICO 19**  
**Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

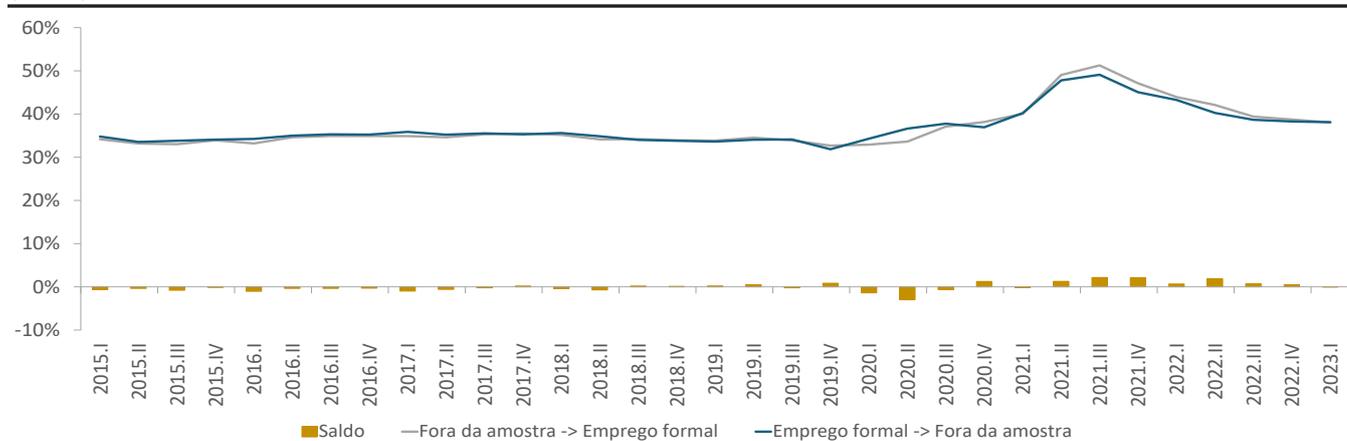
**GRÁFICO 20**  
**Decomposição do fluxo de saída do emprego formal**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 21

**Fluxos de indivíduos que transitam do emprego formal para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa (Em %)**



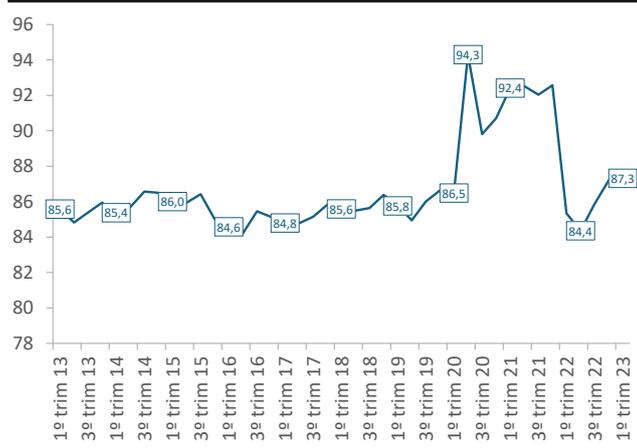
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

## Box especial

### Inatividade e desalento

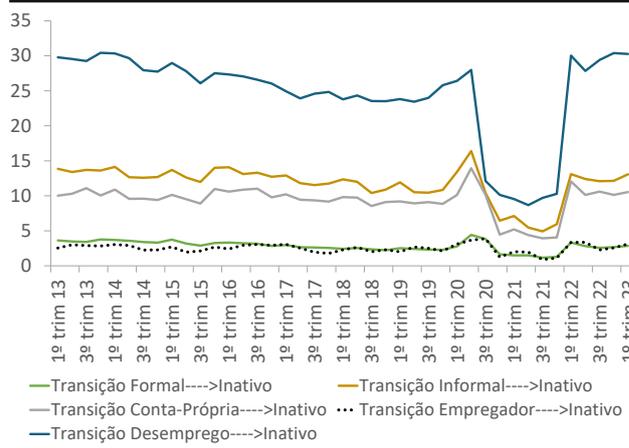
O comportamento da população economicamente ativa (PEA) nos últimos trimestres, cuja taxa de variação interanual vem recuando, indica que há em curso um aumento no fluxo de pessoas saindo da força de trabalho para a condição de inatividade. Por certo, os microdados extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) trimestral revelam que, após passados os efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho, os fluxos de transição relativos à permanência e à entrada na inatividade vêm apresentando crescimento, ratificando o cenário de arrefecimento da força de trabalho. De acordo com o gráfico 1, observa-se que, no primeiro trimestre de 2023, 87,3% dos inativos já estavam nessa condição no trimestre passado, o maior nível da série, desconsiderando o período pandêmico. Nessa mesma direção, o gráfico 2 revela que há um aumento na parcela trabalhadores que estão saindo da força de trabalho para a inatividade, independentemente da sua condição anterior.

**GRÁFICO 1**  
Parcela de inativos que se mantiveram nesta condição (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 2**  
Fluxo de entrada na inatividade – parcela de indivíduos que saíram da sua condição em direção à inatividade (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota-se que, contrariando as expectativas, o crescimento da inatividade não está ligado a uma piora nas condições do mercado de trabalho nem a fatores usualmente associados ao desalento<sup>1</sup>. Longe disso, a melhora do cenário de emprego no país vem gerando uma queda no número de desalentados, cujo contingente, em abril de 2023, recuou 17,5%, na comparação interanual, passando de 4,3 milhões para 3,5 milhões, atingindo o menor patamar desde agosto de 2016. Dessa forma, a proporção de desalentados em relação à população inativa ou fora da força de trabalho caiu 1,3 ponto percentual (p.p.) nos últimos doze meses, recuando de 6,7% para 5,4% entre abril de 2022 e abril de 2023 (gráfico 3).

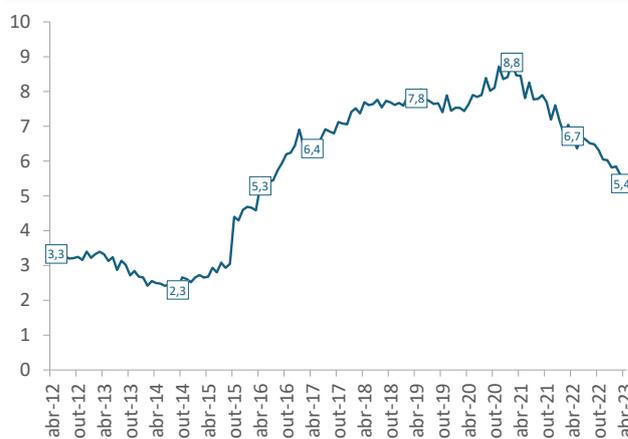
Adicionalmente, outro ponto que vem chamando atenção é a queda significativa da parcela dos inativos, que, mesmo fora da força de trabalho, gostariam de trabalhar se recebessem uma oferta (gráfico 4). Nota-se que,

1. Tal como o IBGE, consideramos como motivos associados ao desalento as seguintes categorias de respostas à pergunta sobre o motivo de não ter buscado trabalho na semana de referência: i) não conseguia trabalho adequado; ii) não tinha experiência profissional ou qualificação; iii) ser considerado muito jovem ou muito idoso; e iv) não havia trabalho na localidade.

nesse caso, além dos desalentados, também vem caindo o número de indivíduos que estão fora do mercado de trabalho por outros motivos, mas que não almejam uma colocação no mercado de trabalho (gráfico 5)

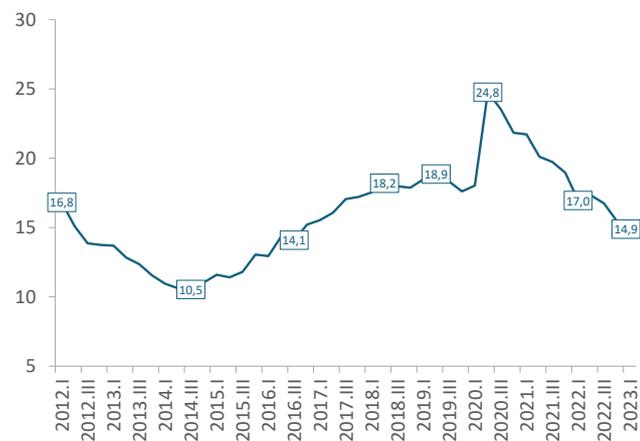
A partir desse contexto, que conjuga retração da força de trabalho, queda do desalento e da proporção de inativos dispostos a retornar à atividade, é possível conjecturar que a própria melhora do mercado de trabalho pode ser utilizada como um fator explicativo desses movimentos. É plausível supor que, neste momento, haveria uma menor necessidade de compensar perdas de rendimento ou de emprego de familiares, possibilitando que alguns membros do domicílio possam se dedicar exclusivamente a outras atividades, como estudos ou afazeres domésticos, se desconectando por completo do mercado de trabalho, de forma a nem sequer almejar uma colocação.

**GRÁFICO 3**  
**Proporção de desalentados em relação ao total de indivíduos fora da força de trabalho**  
 (Em %)



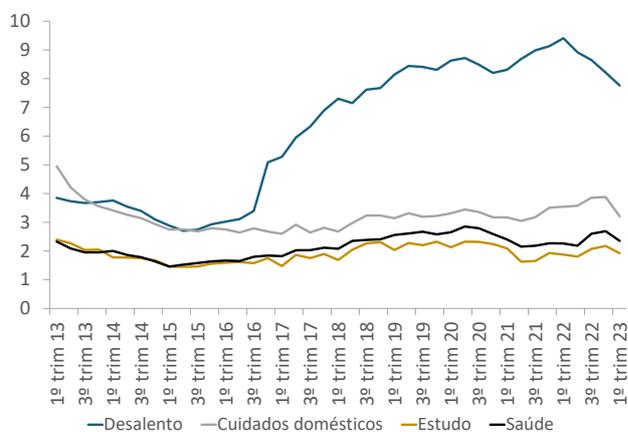
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 4**  
**Proporção de indivíduos inativos, mas que gostariam de retornar à atividade**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 5**  
**Proporção de indivíduos inativos, mas que gostariam de retornar à atividade desagregada**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão

Antonio Henrique Carlota de Carvalho

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---